

Memórias reverberantes: explorando a significância das columelas no contexto funerário de Pompeia

Resonating memories: exploring the significance of columellas in the funerary context of Pompeii

Yuri Augusto de Oliveira*

Resumo: Este artigo explora o papel das columelas no contexto funerário de Pompeia, lançando luz sobre sua significância na moldagem da memória. Por intermédio de uma análise de sua materialidade e imaterialidade, incluindo os nomes dos falecidos, suas formas antropomórficas e as memórias que evocam, bem como a presença de tubos de libação, descobrimos uma dinâmica social associando os vivos, os transeuntes e a comunidade pompeiana aos monumentos funerários. Apesar da ausência de registros escritos que documentem as interações dos indivíduos com as columelas, vestígios materiais sugerem atos ligados à preservação da memória dos falecidos por meio de gestos e artefatos de recordação. É razoável supor que as columelas tiveram um impacto visual, abduzindo a agência de seus protótipos – os indivíduos falecidos (ou entidades acompanhantes) –, desencadeando assim uma resposta emocional e religiosa. Esta resposta se manifestou em rituais que preservam a memória dos falecidos, seja através da devoção de sua comunidade emocional ou da memória duradoura evocada pela leitura de epitáfios e rituais religiosos no contexto funerário.

Abstract: This article explores the role of columellas in the funerary context of Pompeii, shedding light on their significance in shaping memory. Through an analysis of their materiality and immateriality, including the names of the deceased, their anthropomorphic forms, and the memories they evoke, as well as the presence of libation tubes, we uncover a social dynamic associating the living, passersby, and the Pompeian community with funerary monuments. Despite the absence of written records documenting individuals' interactions with columellas, material traces suggest gestures linked to the preservation of the deceased's memory through actions and memory artifacts. It is reasonable to assume that columellas had a visual impact, abducting the agency of their prototypes - the deceased individuals (or accompanying entities) - thus triggering an emotional and religious response. This response manifested in rituals that preserve the memory of the deceased, whether through the devotion of their emotional community or the enduring memory evoked by the reading of epitaphs and religious rituals in the funerary context.

Palavras-chave:

Columelas.
Contexto funerário.
Memória.
Materialidade.
Pompeia.

Keywords:

Columellas.
Funerary context.
Memory.
Materiality.
Pompeii.

Recebido em: 20/02/2024

Aprovado em: 25/03/2024

* Doutorando em História em regime de cotutela entre o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marina Regis Cavicchioli, e a École Doctorale d'Histoire – ED 113 da Universidade Paris 1 Panthéon-Sorbonne, sob a orientação de M. François Chausson. Membro do grupo de pesquisa Cultura Material, Antiguidade e Cotidiano (CMAC) e do laboratório Anthropologie et Histoire des Mondes Antiques (ANHIMA). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), código de financiamento 001.

Columelas em Pompeia: explorando marcadores funerários e teorias de interpretação

Entre os diversos tipos de marcadores funerários do mundo romano, destaca-se um em particular que foi amplamente utilizado em Pompeia, conhecido como columela. A palavra *columella* deriva do radical *columna*, originado da palavra *columen* (que significa pico, cume) (Ernout; Meillet, 1932, p. 200; Gaffiot, 1934, p. 346), associado ao sufixo *-ella*, que denota diminuição, indicando, portanto, uma pequena coluna ou pilar. Este termo foi empregado por Catão (*De agri cultura*, 23), "*columellam ferream*", em sua descrição sobre a confecção de um moinho para a extração de azeite. Cícero (*De legibus*, II, 66), por sua vez, em sua obra dedicada ao direito religioso, ao tratar das leis relativas às cerimônias e monumentos funerários, utilizou o termo *columella* para descrever monumentos funerários austeros, considerando-os moralmente apropriados para encerrar as desigualdades após a morte.

Feitas em lava, tufo, basalto, calcário e mármore, após o período augustano, as *columellae* são pequenas estelas funerárias antropomórficas, cuja forma geralmente apresenta silhuetas planas e esquemáticas com cabeças humanas abstratas. Em alguns casos, o gênero é distinguido através da adição de um elemento na parte de trás da cabeça da columela, representando um penteado estilizado (Van Andringa *et al.*, 2013, p. 7; Cormack, 2007, p. 594; Dobbins; Foss, 2007, p. 639; George, 2007, p. 545), enquanto as columelas masculinas carecem desse elemento. Algumas columelas possuem uma cavidade destinada ao posicionamento de uma urna e muitas delas eram acompanhadas por tubos para libações, tubos cerâmicos ou de chumbo colocados verticalmente no chão, em frente à estela, frequentemente conduzindo as ofertas até a urna cinerária presente no túmulo (Van Andringa; Lepetz, 2006, p. 1158; Van Andringa *et al.*, 2013, p. 277; Cormack, 2007, p. 594; Oliveira, 2022, p. 94).

É fundamental salientar que as columelas não eram exclusivas de uma classe jurídica específica, mas sim um elemento de continuidade pré-colonial, provavelmente remanescente dos hábitos funerários etruscos. Consequentemente, elas foram amplamente utilizadas para marcar túmulos de pessoas de diversos status jurídicos, incluindo os de crianças, escravos, libertos e magistrados, destacando o papel central das columelas no culto aos mortos. Ademais, quase metade dos nomes conhecidos a partir das inscrições funerárias de Pompeia, totalizando cerca de 380 nomes, foram identificados através das columelas, o que evidencia sua importância como fonte histórica (Cormack, 2007, p. 595-599).

Para interpretar as columelas, lançamos mão de um arcabouço teórico-metodológico que nos possibilitou investigar as estelas a partir da sua materialidade, compreender sua

agência social e, por meio de elementos como os sentidos e as emoções, identificar sua influência na esfera social. Os estudos sobre as diversas formas como a cultura valoriza e utiliza os sentidos devem muito às ideias de Lucien Febvre (1941). Embora seus conceitos possam ser imprecisos, ele propôs um estudo da percepção, hierarquia sensorial e sistemas de emoções dentro do que chamou de “equipamento mental” (Corbin, 2005, p. 128). A percepção sensorial transcende o simples processo físico, sendo também cultural. Os sentidos – visão, audição, tato, paladar e olfato – transmitem valores culturais e estabelecem uma forma de comunicação sensorial por meio de manifestações como a fala, gestos, músicas e artes visuais (Classen, 1997, p. 401).

Também levamos em conta que as emoções são contagiosas e envolvem relações entre indivíduos, especialmente em contextos grupais, dentro das chamadas “comunidades emocionais” (Febvre, 1941, p. 7; Rosenwein, 2011, p. 21). Embora possam surgir de eventos individuais, sua expressão é influenciada por experiências coletivas e reações semelhantes a situações idênticas, funcionando como instrumentos de sociabilidade que promovem interações sociais capazes de ajustar as ações dos indivíduos (Febvre, 1941, p. 7; Rosenwein, 2011, p. 37).

Em diferentes culturas, as faculdades sensoriais e as sensações estão intrinsecamente ligadas a uma variedade de significados. Esses significados e valores sensoriais constituem um modelo sensorial adotado por uma sociedade, que orienta a maneira como os membros interpretam o mundo e traduzem suas percepções em uma “visão de mundo” (Classen, 1997, p. 402). A percepção sensorial não é apenas um aspecto da experiência corporal, mas a base da nossa experiência relacional do corpo com o mundo, condicionada pela construção cultural. Dessa forma, podemos identificar a relação das pessoas com o mundo e como eram afetadas pelo universo material externo a elas. Ao estudar os modelos sensoriais dos pompeianos, podemos utilizar exemplos específicos para compreender padrões gerais de significado e relação sensorial no contexto romano (Corbin, 2005, p. 136).

Ademais, rejeitamos a divisão entre materialidade e o social, compreendendo-a como uma imposição artificial originada por disputas disciplinares, não por necessidade empírica (Latour, 2012, p. 124-125). A partir desse entendimento, mobilizamos a Teoria Ator-Rede, juntamente com a Antropologia da Arte, proposta por Alfred Gell (2018).

A Teoria Ator-Rede reconhece o papel dos objetos na ação social e enfatiza que estes não são meramente passivos, mas podem influenciar e participar ativamente da ação social. Essa perspectiva desafia as definições convencionais de atores e ações, argumentando que qualquer elemento que influencie o curso da ação é considerado um ator. Assim, objetos cotidianos são reconhecidos como agentes que desempenham

papeis significativos nas interações sociais. Logo, os objetos participam ativamente no desenrolar da ação social. Eles não determinam diretamente a ação, mas exercem influência ao autorizar, permitir, conceder, estimular a ação de outros atores sociais, de modo a explicar a complexidade das interações. (Latour, 2012, p. 106-116). Para investigar a dinâmica social entre as pessoas e as columelas é essencial observar as conexões entre eles, tendo em mente que a continuidade de uma ação muitas vezes envolve tanto humanos quanto objetos. Portanto, a Teoria Ator-Rede foi empregada para reconhecer a importância da causalidade presente nos objetos, ampliando o escopo de agentes envolvidos nas interações sociais.

Nesse contexto, os monumentos funerários estabelecem uma relação na qual sua agência, ou a mediação da agência, afeta seus observadores através dos sentidos. A percepção pode variar conforme as culturas, e os sentidos estão intrinsecamente ligados a associações culturais, nas quais determinadas sensações possuem valor simbólico em contextos específicos (Classen, 1997, p. 402). Dessa forma, por meio do estudo da interação com artefatos funerários, como as columelas, é possível explorar as relações de significado e prática sensorial específicas do contexto funerário romano, considerando os usos dos sentidos, bem como os domínios sensoriais.

Para estudar esse processo, consideramos que os objetos, nesse caso, as columelas, foram produzidos e dispostos no mundo social dentro de um contexto específico que entrelaça o campo da memória, da religião e do social. Ao atuarem na condição de mediadores da agência social, os objetos são igualmente agentes sociais em um contexto relacional. Desse modo, partimos da concepção de agência em que o agente é uma fonte de origem de eventos causais (Gell, 2018, p. 44). A partir dessa perspectiva, buscamos compreender as reações sociais e emocionais relativos aos artefatos que se manifestaram nos padrões da vida social. Assim, não nos concentramos apenas na comunicação simbólica do objeto, mas na sua agência, intenção, causalidade, resultado e transformação, focalizando o papel prático exercido pelos objetos na tessitura social (Gell, 2008, p. 28).

Monumentos funerários em Pompeia: memória, identidade e eternidade

As vias de acesso a Pompeia eram adornadas com passagens de dois tipos: de um lado, havia passagens físicas para os vivos; do outro, passagens alegóricas para o além voltada aos que partiram (Colmier, 2022, p. 98). As rotas de acesso às cidades, que

interseccionam ambas as passagens, eram os locais onde as necrópoles se situavam,¹ além das portas de acesso ao espaço urbano. Lá, os mortos eram sepultados, celebrados e cultuados por suas comunidades, mas também eram lembrados e apresentados aos e pelos transeuntes que cruzavam as vias de acesso às cidades. As necrópoles eram lugares de grande importância; a circulação de pessoas cultivava e difundia a memória daqueles que se foram, reforçando também a memória das gerações ligadas às cidades. Dessa forma, o tecido social presente nas cidades romanas, constituído não apenas pelas pessoas e instituições, mas também pelos seus animais, objetos e seus mortos, que recebiam os transeuntes em seus espaços e até mesmo podiam se comunicar diretamente com eles por meio dos epitáfios. Tais monumentos funerários presentes nas necrópoles comunicavam e continuam a comunicar informações relativas ao status social e jurídico, poder, identidade e cultura, bem como a memória das comunidades emocionais das quais as pessoas falecidas faziam parte.

As necrópoles são também marcadores de transformações socioculturais. Em Pompeia, por exemplo, as necrópoles situadas ao longo das estradas ao redor da cidade são uma das principais marcas materiais visíveis das mudanças provocadas pela fundação da *colonia* romana em 80 AEC (Van Andringa *et al.*, 2013, p. 16). Embora não existam muitas evidências das necrópoles da época samnita, sabemos que elas estavam organizadas a certa distância das muralhas, e sua disposição apresentava sepultamentos de grupos familiares em um mesmo local. Esses elementos podem ser confirmados por duas necrópoles do período, uma situada fora da Porta de Herculano (Toynbee, 1971, p. 120-121) e outra que foi escavada a 300 metros ao sul da Porta de Nocera (Van Andringa *et al.*, 2013, p. 16). A segunda necrópole citada estava relacionada aos Epidii, e nela foram identificados 163 sepultamentos. Destes, 44 eram inumações de época samnita e 119 incinerações de época romana (Campbell, 2015, p. 33; Pesando; Guidobaldi, 2006, p. 246; Van Andringa *et al.*, 2013, p. 18). Essa necrópole, situada no Fondo Azzolini, estava próxima a um santuário dedicado a Ceres-Hécate e a Zeus Meilichio, sugerindo que as áreas de sepultamento dos samnitas estavam localizadas nos arredores de santuários com forte conotação funerária (Pesando; Guidobaldi, 2006, p. 246).

Por outro lado, as necrópoles da época romana estavam organizadas ao longo das rotas de acesso à cidade. Ademais, a materialidade destas necrópoles demonstra não apenas que sua organização samnita seguia outros critérios, se comparados às instituições

¹ A palavra "necrópole" tem origem na expressão grega νεκρόπολις, que se refere à cidade dos mortos ou necrópole. Essa palavra é formada pela combinação de duas palavras gregas: νεκρός, que significa cadáver (com uma forma arcaica νέκυς), e a raiz indo-europeia *nek-(u)*, que também se relaciona a cadáver ou morte violenta (Chantraine, 2009, p. 714; Bailly, 2000, p. 1586-1587). Junto com o termo πόλις, palavra grega para cidade, que originalmente significava fortaleza onde se encontrava um santuário, com raiz indo-europeia *tpelH* (Chantraine, 2009, p. 892; Bailly, 2000, p. 1317).

romanas, mas também que cultivavam hábitos e gestos distintos no contexto funerário. Conforme atestado pela evidência material, os samnitas praticavam a inumação em caixões produzidos a partir de blocos de pedra dispostos nos cantos, de modo a formar um caixão de pedra, enquanto os romanos, entre os séculos I AEC e I EC, generalizaram a prática da incineração. Além disso, os sepultamentos de época samnita continham depósito mobiliário associado ao morto na tumba, como pulseiras de bronze, tigelas de terracota, jarros e lamparinas (Campbell, 2015, p. 32). Em contraste, os sepultamentos de período romano não continham tal mobiliário, mas sim uma urna contendo os restos ósseos da pessoa falecida, uma moeda e, às vezes, vasos vazios utilizados durante as últimas homenagens ao falecido (Kockel, 2004, p. 149; Van Andringa *et al.*, 2013, p. 18).

As necrópoles acabavam por transformar as vias de acesso à cidade em lugares de memória, cujas construções tumulares, que eram endereçadas aos vivos, recebiam os viajantes. Implicitamente, ao acessar esses locais, o viajante conectava-se com a identidade sociopolítica da cidade e suas propriedades. Dessa maneira, o lugar era impregnado por uma aura capaz de contribuir para a fixação da presença do passado na consciência coletiva e na memória cultural dos indivíduos e comunidades relacionados direta ou indiretamente àquelas necrópoles (Cormier, 2022, p. 98)

A necrópole de Porta Herculano foi escavada entre 1763 e 1838, em um raio de cerca de 200 metros. Os trabalhos de desocupação foram principalmente realizados dentro do espaço urbano intramuros. No entanto, a investigação das necrópoles foi impedida pela construção da via férrea *circumvesuviana*, ocorrida no início do século XX, ao longo da muralha oriental, em frente às portas Nola e Sarno (D'Ambrosio; De Caro, 1983, p. 23). Da mesma forma, o desenvolvimento moderno da cidade obscurece o conhecimento das tumbas alinhadas ao Sul, próximas à colina de Sant'Abbondio e Estabia (Van Andringa *et al.*, 2013, p. 18).

Por outro lado, no início do século XX, entre 1907 e 1910, quatro tumbas foram escavadas próximas à Porta Vesúvio e, na mesma época, dois monumentos e um recinto foram descobertos na Porta Nola. Em 1976, outro recinto foi encontrado na mesma via, e um outro conjunto funerário foi descoberto na Porta Sarno. Adicionalmente, dois recintos funerários foram descobertos em 2001, na Porta Estabia. Durante a década de 1950, trabalhos para retirar o aterro produzido por dois séculos de escavação acumulados ao sul da cidade antiga revelaram monumentos funerários na Porta de Nocera, os quais foram escavados neste momento e posteriormente, nas décadas de 1980 e 1990 (Van Andringa *et al.*, 2013, p. 19-21). Em 2021, o monumento de Marcus Venerius Secundius foi descoberto na Porta Sarno (Alapont Martin *et al.*, 2022, p. 209; Alapont Martin; Zuchtriegel, 2023, p. 1).

É importante enfatizar que as necrópoles, como lugares de memória, materializavam a consciência da discrepância entre o ontem e o hoje, pois essa divergência está intimamente relacionada com a morte, uma experiência fundamental dessa discrepância. Desse modo, lembrar daqueles que partiram é uma forma de nos conectarmos com os mortos, constituindo uma memória cultural original que incorpora ritos e instituições específicas ligadas ao contexto funerário. É precisamente por isso que recordar os mortos é considerado o germe da cultura da lembrança (Assmann, 2010, p. 55). Da mesma forma, Aleida Assmann (2011, p. 37) afirmou que o núcleo antropológico da memória cultural é a rememoração dos mortos. Assim, é fundamental que as pessoas preservem os nomes dos mortos e os transmitam para as gerações futuras.

Desse modo, podemos separar a memória em memória retrospectiva e memória prospectiva. A primeira refere-se à ação de conviver com os mortos, de preservá-los e de construir uma imagem de sua existência, mesmo que essa imagem seja uma totalidade imaginada. A memória prospectiva, por sua vez, está relacionada com a *pietas*, que busca meios de evitar o esquecimento. A memória prospectiva, por sua vez, está associada à busca pela inesquecibilidade, à memorização honorífica, à autoeternização e à autoencenação. Trata-se da memória que busca perpetuar os grandes feitos e possibilitar a eternização de um nome. Em resumo, a memória retrospectiva está ligada ao bem-estar da comunidade da pessoa falecida e à representação da sua devoção e afeição por ela, enquanto a memória prospectiva está relacionada à salvação mundana da memória dos falecidos (Assmann, 2010, p. 56; Assmann, 2011, p. 37-43).

A memória em contexto funerário ocupa uma posição intermediária entre duas formas de memória social: a memória comunicacional, comum a todos os seres humanos, e a memória cultural, cuja manifestação ocorre por meio de ritos e instituições específicas (Assmann, 2010, p. 55). No mundo romano, o contexto funerário combina igualmente as memórias retrospectiva e prospectiva, uma vez que os locais de recordação funerária apresentam representações que evocam ambas as qualidades combinadas. Assim, a memória dos mortos constitui um alicerce e um elo para as comunidades, pois essa conexão com os antepassados assegura a identidade de uma comunidade, e os deveres estabelecidos pelos vivos em relação aos falecidos contêm implicitamente uma afirmação de identidade sociopolítica (Assmann, 2010, p. 57).

É interessante notar que a palavra «memória», que deriva do termo latino *memor* (pensar, lembrar), compartilha, em sua raiz etimológica, sentidos com a palavra «monumento». A origem da palavra latina *monumentum* remonta à raiz indo-europeia *men*, que expressa uma das funções essenciais da mente, *mens*, e da memória, *memini*. Por sua vez, o verbo *monere* pode ter significados como «recordar», «inspirar» ou «ensinar»

(Ernout; Meillet, 1932, p. 596; Gaffiot, 1934, p. 991; Saraiva, 2019, p. 749-750). Assim, um monumento é mais do que um simples objeto; é um artefato que estabiliza recordações, fixando e socializando memórias através de sua materialidade. Ele também serve como uma relíquia do passado, conectando o presente com o passado por meio da relação entre a memória materializada nas tumbas, no caso do contexto funerário, e a materialidade da cidade, atuando na identidade sociopolítica dos habitantes da cidade como um lugar de gerações. Além disso, a etimologia sugere que o monumento é tudo o que pode evocar o passado e perpetuar a recordação. Nesse sentido, o *monumentum* é uma ferramenta de memória, uma ferramenta cuja função é perpetuar a memória do *nomen*, um trabalho ligado à perpetuação da memória de um personagem (Cormier, 98, 2022), destinado a preservar a memória de uma pessoa em um domínio onde ela é particularmente valorizada: a eternidade (Le Goff, 2013, p. 485-486).

Explorando o significado e a função das columelas no contexto funerário romano: memória, emoções e materialidade

No livro *Par-delà nature et culture*, Philippe Descola (2005, p. 66) aborda o antropomorfismo como uma prática cultural presente em diversas sociedades, onde características humanas são atribuídas a objetos, animais e até mesmo elementos naturais. O autor enfatiza que essa tendência é universal, refletindo-se na projeção de pensamentos, emoções e intenções humanas no mundo circundante. Esse processo sugere uma concepção do mundo material como dotado de características relacionais humanas. Além disso, destaca-se o papel significativo do antropomorfismo na forma como as pessoas interagem com seu ambiente, influenciando suas relações e percepções.

Ao discorrer sobre a agência social atribuída aos deuses por meio de representações materiais, Adrien Coignoux (2022, p. 79) ressaltou que o antropomorfismo presente nessa materialidade facilita encontros entre deuses e humanos, viabilizando uma dinâmica relacional na qual ambos os grupos podem ser influenciados por meio de interações sociais.

Alfred Gell (2018, p. 61), por sua vez, desenvolveu um quadro de relações de agente e paciente dentro de dinâmicas sociais de modo a considerar os seguintes atores: objeto, artista, destinatários e protótipos. Esse modelo foi construído com base na premissa de que todos os quatro elementos podem atuar como agente ou paciente em relação uns aos outros e em relação a si mesmos. No contexto em questão, a dinâmica relevante está relacionada a um quadro complexo no qual o falecido é o agente e sua família é o paciente, pois é impulsionada pelo falecimento de alguém a encomendar uma estela

funerária. Em seguida, a família do falecido se torna agente em relação ao lapícida, ao solicitar a columela. Posteriormente, o cadáver se torna agente em relação ao lapícida e à columela, tanto na produção da inscrição funerária quanto na confecção da estela. Após isso, a columela, já disposta no local de sepultamento, volta a ser agente em relação àqueles que a observam, os quais podem se tornar agentes em relação ao marco funerário, por meio de ações estimuladas pela visualização e presença da columela.

Além das interações complexas entre os diversos agentes no contexto funerário, é essencial uma compreensão mais aprofundada das columelas estudadas. Esses artefatos desempenharam um papel significativo no ritual funerário romano, atuando como marcadores de sepultura e como objetos de recordação que materializam a memória do falecido. O desejo de perpetuar essa memória por várias gerações é evidenciado pelas elevações sob as columelas, que permitiam sua elevação com o aumento do nível do solo, garantindo assim a visibilidade da estela e a legibilidade da inscrição ali presente (Castiglione, 2017, p. 340). As inscrições desempenhavam um papel fundamental nas estratégias de recordação, estabelecendo uma relação comunicativa entre o observador e o falecido por meio da visão. Conforme observado por Castiglione (2017, p. 329), as inscrições funerárias eram como “pedras falantes” destinadas a se comunicar com viajantes e familiares, envolvendo-os em uma dinâmica de preservação da memória do falecido e na prática da leitura em voz alta. No entanto, partimos da premissa de que havia uma dinâmica que não se limitava apenas à leitura das inscrições, mas também à observação das formas antropomórficas das columelas.

Um levantamento abrangente foi conduzido no Banco de Dados Epigráficos de Roma (EDR), resultando na identificação de 194 columelas. Destaca-se que a maior concentração desses artefatos foi observada na área próxima à Porta Nocera, seguida pela necrópole de Fondo Santilli, na necrópole de Fondo Azzolini e na necrópole adjacente à Porta Herculano. Entretanto, registros dessas columelas também foram documentados em outras necrópoles, incluindo a necrópole da Porta Marina, da Porta Estábia, da Porta Vesúvio, da Porta Nola e da Porta de Sarno. Vale ressaltar que algumas dessas columelas possuem origem incerta.

Das 196 columelas identificadas, o Banco de Dados Epigráficos de Roma disponibiliza imagens de 139 delas. É relevante observar que a maioria dessas columelas encontra-se íntegra, totalizando 110 unidades,² enquanto 29 foram identificadas como

² EDR143106; EDR148970; EDR148971; EDR151244; EDR151245; EDR147599; EDR147660; EDR147661; EDR149912; EDR156553; EDR153384; EDR146541; EDR146545; EDR146543; EDR146544; EDR152736; EDR146999; EDR147530; EDR147531; EDR153385; EDR154517; EDR154518; EDR154516; EDR155635; EDR146279; EDR153703; EDR081699; EDR081700; EDR081701; EDR081702; EDR081703; EDR081724; EDR081725; EDR081726; EDR081729; EDR081722; EDR081720; EDR081721; EDR081711; EDR081712; EDR081714; EDR081717; EDR081718; EDR081719; EDR081715;

fragmentadas.³ No entanto, mesmo quando fragmentadas, a materialidade desses artefatos frequentemente permite a identificação de suas silhuetas antropomórficas. Notavelmente, muitas columelas mais leves apresentam um orifício circular na base, originalmente destinado a receber uma haste de madeira enterrada para garantir a estabilidade desses pequenos monumentos (*Notizie Degli Scavi Di Antichità*, 1916, p. 297-298). Embora muitas columelas tenham sido gravadas, é importante observar que a maioria delas originalmente era pintada. No entanto, devido à perda das pinturas ao longo do tempo, os nomes dos indivíduos nelas representados foram perdidos (Campbell, 2015, p. 48). Em nossa investigação, concentramo-nos principalmente nas columelas gravadas.

Das 139 columelas analisadas, apenas as de código EDR148935, EDR148936, EDR148938, EDR148966 e EDR140320 não apresentam uma forma antropomórfica identificável devido à sua condição fragmentada, enquanto a estela EDR150245, embora intacta, não exibe antropomorfismo em sua forma. No entanto, as outras 133 columelas podem ser consideradas antropomórficas. Dentre essas, algumas são mais realistas e se assemelham a um busto humano, enquanto outras apresentam a silhueta de modo a representar o formato dos ombros, pescoço e cabeça, e a maioria delas retrata o contorno de um busto.

A columela EDR150425, associada a Petacia Montana, apresenta contornos tridimensionais de um busto, detalhando os ombros, pescoço e cabeça, e exibe um penteado feminino com um coque na parte de trás da cabeça. Este pequeno monumento foi descoberto na necrópole de Fondo Santilli e atualmente está em conservação no Museu Arqueológico Nacional de Nápoles. A estela contém a seguinte inscrição:

PETACIA*MONTAN
VIX*ANN*XXIII

EDR149685; EDR149264; EDR148601; EDR149261; EDR148600; EDR175718; EDR106238; EDR145388; EDR145389; EDR146023; EDR146959; EDR148603; EDR149399; EDR149585; EDR149586; EDR149587; EDR149588; EDR149589; EDR149670; EDR149686; EDR149692; EDR150225; EDR150242; EDR150244; EDR150245; EDR150258; EDR150259; EDR150261; EDR150373; EDR150394; EDR150418; EDR150420; EDR150421; EDR150425; EDR150426; EDR152922; EDR152925; EDR152926; EDR152927; EDR152928; EDR152934; EDR152939; EDR152941; EDR152942; EDR152946; EDR152947; EDR152954; EDR152957; EDR153010; EDR153052; EDR153053; EDR153054; EDR153077; EDR153129; EDR153702; EDR153720; EDR153814; EDR153923; EDR153970; EDR154085; EDR154523; EDR154524; EDR155146; EDR155214; EDR164357.

³ EDR148935; EDR148936; EDR148938; EDR148966; EDR148972; EDR148969; EDR147598; EDR149908; EDR145264; EDR146542; EDR155636; EDR081723; EDR081727; EDR081716; EDR081713; EDR106223; EDR149262; EDR071618; EDR140320; EDR147280; EDR150393; EDR150423; EDR150424; EDR152940; EDR152958; EDR154689; EDR155215; EDR156662.

Transcrita em letras minúsculas, temos *Petacia Montan(a), / vix(it) ann(is) XXIII*. Essa inscrição traduz-se como “Petacia Montana, viveu 23 anos”. Datada do período entre 30 AEC e 30 EC, a columela, feita de mármore, possui dimensões de 66 cm de altura, 14,5 cm de comprimento e 11 cm de largura. A face da estela é lisa, com o campo epigráfico localizado na região peitoral do busto. As letras da primeira linha têm 3 cm de altura, enquanto as da segunda linha possuem 1,3 cm. Esta columela é notável por seu impressionante antropomorfismo, tanto pela silhueta quanto pela tridimensionalidade.

Os monumentos de Miscinia Veneria (EDR149261), Epidia Veneria (EDR152925) e Lasaea Venusta (EDR150244) também despertam a atenção. Eles foram descobertos, respectivamente, na necrópole de Porta Marina, em 1755, na necrópole de Fondo Azzolini durante uma escavação realizada entre 1911 e 1916, e na necrópole de Fondo Santilli. Todas as três columelas são feitas de mármore e datam do século I EC. A estela de Miscinia Veneria (EDR149261) possui 71,2 cm de altura, 25,8 cm de comprimento e 10 cm de largura. O campo epigráfico, localizado no peitoral da columela, é composto por duas linhas, sendo que a primeira tem 5,8 cm de altura e a segunda 5 cm. Sua inscrição é a seguinte:

MISCINIAE*ጵ*L
VENERIAE

A transcrição em letras minúsculas é *Misciniae, (mulieris) libertae / Veneriae*, com a tradução sendo “À Miscinia Veneria, liberta de uma mulher”. A columela de Miscinia Veneria apresenta uma superfície lisa, com contornos que delineiam uma silhueta humana. Ao observá-la lateralmente, é possível distinguir os ombros, o pescoço e os cabelos, estes últimos sendo detalhados o suficiente para identificar as mechas e o coque.

Esses mesmos detalhes do penteado são identificáveis nas columelas de Epidia Veneria e de Lasaea Venusta, pois suas características materiais se assemelham à columela de Miscinia Veneria, embora não sejam idênticas. Assim como na estela de Miscinia Veneria, ambas possuem uma face lisa com contornos antropomórficos e o campo epigráfico situado na região peitoral do monumento, além de apresentarem uma clara representação do pescoço e da cabeça.

Além disso, destaca-se a columela de Terpnos (EDR145389) entre as estelas analisadas. Descoberta durante uma escavação realizada entre 1911 e 1916, na necrópole de Fondo Azzolini, atualmente está sob a tutela da Superintendência Arqueológica de Pompeia. Foi esculpida em mármore e suas dimensões incluem 27,5 cm de altura, 14,8 cm de comprimento e 7,4 cm de largura, enquanto o campo epigráfico é composto por

duas linhas, com medidas respectivas de 2,4 cm e 2,6 cm. A inscrição neste pequeno monumento diz:

TERPNOS
VIX*AN*VI

A transcrição em letras minúsculas revela: Terpnos / vix(it) na(nis) VI, que traduzida significa “Terpnos, viveu por seis anos”. Esta columela apresenta a representação de um busto humano. Diferentemente das estelas previamente mencionadas, ela não possui uma face lisa, mas sim um fundo liso. Sua estrutura é composta por um retângulo onde se encontra o campo epigráfico, sobre o qual está posicionado o busto, representando os ombros, pescoço, rosto humano e cabelos.

Cabe ressaltar que a columela de Terpnos é singular, visto que a maioria das columelas representa o antropomorfismo através da silhueta ou do contorno, como é exemplificado pela estela de Caius Naevius Acisclius (EDR153923). Também descoberta durante as escavações ocorridas entre 1911 e 1916, este monumento foi encontrado na necrópole de Fondo Azzolini e possui as seguintes dimensões: 107 cm de altura, 29,5 cm de comprimento e 17 cm de largura. Em mármore, foi datada do período que compreende 30 AEC a 10 EC, sendo que seu campo epigráfico está situado na região da cabeça, com letras medindo 3 cm na primeira linha e 2,5 cm na segunda linha. Sua inscrição é a seguinte:

C*NAEVI*M*F*MEN
ACISCL

A transcrição em letra minúscula nos permite ler *C(ai) Naevi M(arci) f(ilio) Men(enia) / Aciscl(i)*, cuja tradução identifica que a columela foi dedicada “A Caius Naevius Acisclius, filho de Marcus, inscrito na tribo Menenia”. Embora a estela possua seu antropomorfismo representado pelos contornos de forma mais abstrata, sua representação permite a clara identificação da forma antropomórfica, com a distinção clara da região dos ombros, pescoço e cabeça. De maneira geral, identificamos que as outras 127 columelas possuem características semelhantes.

Conforme observado por Castiglione (2017, p. 343), as columelas desempenharam múltiplos papéis no contexto funerário romano. Além de demarcarem o local da sepultura e servirem como pontos de referência para os rituais e celebrações funerárias, esses monumentos também tinham uma função simbólica crucial. Podemos inferir que as

columelas exerciam uma agência significativa na representação do falecido, do *genius* ou dos Manes, mediante sua materialização antropomórfica nos pequenos monumentos. É importante ressaltar que essas columelas eram dispostas ao longo das vias de acesso a Pompeia, proporcionando uma cena impressionante para os transeuntes da região. As imagens antropomórficas nelas gravadas tinham o poder de impactar emocionalmente os observadores, colocando-os em uma posição de espectadores passivos. Esse impacto não era apenas visual e emocional, mas também incitava os transeuntes a lerem em voz alta as inscrições epigráficas e a guardarem uma memória duradoura daqueles que ali foram sepultados, bem como influenciavam a percepção da identidade sociopolítica de Pompeia.

Além disso, é plausível considerar que as columelas desempenharam um papel fundamental na preservação da memória, uma vez que a relação entre o contexto funerário, as emoções e a memória estão profundamente entrelaçadas. Os romanos tinham consciência de que as emoções desempenham um papel crucial na consolidação da memória de longo prazo. O autor anônimo do manual *Rhetorica ad Herenium*, provavelmente um equestre, descreveu a função das emoções na formação de uma memória duradoura, abordando de maneira técnico-racionalista a mnemotécnica (Assmann, 2011, p. 269; Oliveira, 2022, p. 30). Essas técnicas estabelecem uma relação entre as emoções e a materialidade por meio do ato de associação entre emoções intensas e imagens do mundo físico, como será discutido a seguir:

Como costuma acontecer de umas imagens serem fortes e incisivas, adequadas à recordação, e outras serem obtusas e fracas a ponto de dificilmente conseguirem estimular a memória, é preciso considerar o motivo dessa diferença, para que possamos saber que imagens buscar e quais evitar. A própria natureza nos ensina o que é preciso fazer. As coisas pequenas, mezinhas, corriqueiras, que vemos na vida, não costumamos guardar na memória, porque nada de novo ou admirável toca o ânimo. Mas, se vemos ou ouvimos algo particularmente torpe, desonesto, extraordinário, grandioso, inacreditável ou ridículo, costumamos lembrar por muito tempo. É assim que esquecemos a maioria das coisas que vemos ou escutamos a nossa volta, mas quase sempre nos lembramos muito bem de acontecimentos da infância. Isso não pode ter outra causa senão que as coisas usuais facilmente escapam à memória, as inusitadas e insígnies permanecem por mais tempo (Anonimus Latinus, *Rhet. Her.*, III, 35).⁴

⁴ *Nunc, quoniam solet accidere, ut imagines partim firmas et acres et ad monendum idoneas sint, partim inbecillae et infirmas, quae uix memoriam possint excitare, qua de causa utrumque fiat, considerandum est, ut cognita causa, quae uitemus et quas sequamur imagines, scire possimus. Docet igitur nos ipsa natura, quid oporteat fieri. Nam si quas res in uita uidemus paruas, usitatas, cotidianas, meminisse non solemus propterea quod nulla noua nec admitabili re commouetur animus: at si quid uidemus aut audimus egregie turpe inhonestum, inusitatum, magnum, incredibile, ridiculum, id diu meminisse consueuimus. Itaque quas res ante ora uidemus aut audimus, obliuiscimur plerumque; quae acciderunt in pueritia, meminimus optime saepe; nec hoc alia de causa potest accidere, nisi quod usitatae res facile e memoria elebuntur, insignes et nouae diutius manent in animo* (Anonimus Latinus, *Rhet. Her.*, III, 35). Tradução de Ana Paula Celestino Faria e de Adriana Seabra.

Essa concepção das técnicas mnemônicas latinas coincide com os resultados de pesquisas recentes da psicologia cognitiva, que identificaram um suporte mnemônico muito eficaz nas emoções (Assmann, 2011, p. 269). Além disso, esse processo encontra eco no contexto funerário pompeiano, principalmente nas necrópoles pompeianas, caracterizadas pelas cenas antropomórficas que encaravam os transeuntes.

Em suma, as columelas desempenharam um papel multifacetado, atuando como marcadores de sepultura, veículos de memória e objetos rituais. Propomos que a agência desses pequenos monumentos não se resumia ao impacto emocional que produzia memórias duradouras sobre os falecidos e, conseqüentemente, sobre a identidade sociopolítica da cidade. Entre os romanos, havia celebrações e ritos sistematicamente realizados nas necrópoles que envolviam refeições entre os vivos e os mortos. Durante esses rituais, os falecidos eram nutridos por meio de sacrifícios de comida e bebida, enquanto os vivos se alimentavam no mesmo local. Nesse contexto, é plausível inferir, também, que as columelas, por meio de sua materialidade e da abdução da agência da pessoa falecida ou das entidades que a acompanhavam, influenciavam os vivos, instigando-os a depositar suas oferendas.

Conclusão

Ao longo deste artigo, exploramos o papel significativo das columelas no contexto funerário de Pompeia e sua influência na preservação da memória dos falecidos. Através da análise da materialidade e imaterialidade desses monumentos, incluindo seus nomes, formas antropomórficas e memórias evocadas, assim como a presença dos tubos de libação, identificamos um fluxo social complexo que conecta os vivos, os passantes e a comunidade pompeiana com os monumentos funerários.

Embora não possuamos relatos escritos sobre a relação dos indivíduos com as columelas, os vestígios materiais nos permitem reconhecer gestos associados à preservação da memória dos falecidos por meio de rituais e artefatos de recordação. Assim, é plausível argumentar que as columelas exerceram um impacto visual e emocional, abduzindo a agência dos seus protótipos – as pessoas falecidas ou as entidades que as acompanhavam – e provocando um dispositivo emocional e religioso nos ritos de preservação de memória. Este dispositivo desencadeou práticas devocionais da comunidade em relação aos mortos, bem como a leitura dos epitáfios que geravam memórias de longa duração nos leitores, impulsionadas pelo impacto emocional da cena e por rituais religiosos em contexto funerário.

Concluimos que as columelas não apenas demarcavam os locais de sepultura, mas também desempenhavam um papel essencial na construção e manutenção da memória coletiva e da identidade sociopolítica da comunidade pompeiana. Além disso, destacamos a importância de estudos futuros para aprofundar nossa compreensão sobre o significado e a função das columelas na sociedade romana, assim como seu impacto nas práticas memoriais e religiosas da época.

Referências

Documentação textual

ANÔNIMO LATINO. *Retórica a Herênio*. Tradução e introdução de Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

CATON. *De l'agriculture*. Texte établi, traduit et commenté par Raoul Gourjard. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

CICÉRON. *Traité de lois*. Texte établi et traduit par Georges de Plinval. Paris: Les Belles Lettres, 1956.

Documentação arqueológica

REALE ACCADEMIA DEI LINCEI. *Atti della R. Accademia dei Lincei, ano CCCXIII: notizie degli scavi di antichità*. Roma: Accademia dei Lincei, 1916. v. 13.

Obras de apoio

ALAPONT MARTIN, L.; ZUCHTRIEGEL, G. The newly discovered tomb of Marcus Venerius Secundio at the Porta Sarno, Pompei: Neronian zeitgeist and its local reflection. *Journal of Roman Archaeology*, v. 35, n. 2, p. 1-26, 2023.

APALONT MARTIN, L. *et al.* L'area funeraria di Porta Sarno e la tomba di Marcus Venerius Secundio a Pompei, riflesso dell'impulso culturale dopo il terremoto del 62 d.C. *Rivista di Studi Pompeiani*, n. XXXIII, p. 208-213, 2022.

ASSMANN, A. *Espaços de recordação: formas de recordação da memória cultural*. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

ASSMANN, J. *La mémoire culturelle: écriture, souvenir et imaginaire politique dans les civilisations antiques*. Paris: Flammarion, 2010.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 2000.

- CAMPBELL, V. *The tombs of Pompeii: organization, space and society*. New York: Routledge, 2015.
- CASTIGLIONE, M. La strategia della memoria nelle necropoli di Pompei: approcci teorici, dati archeologici e nuove interpretazioni. *Studi Classici e Orientali*, v. 63, p. 325-350, 2017.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Librairie Klincksieck, 2009.
- CLASSEN, C. Foundation of an anthropology of the senses. *International Social Science Journal*, v. 49, n. 3, p. 401-412, 1997.
- COIGNOUX, A. *Psyche et Cupidon chez Apulée: discontinuités existentielles et fonction religieuse de l'antropomorphisme*. Mètis, Anthropologie des Mondes Grecs et Romains, n. 20, p. 61-81, 2022.
- CORBIN, A. Charting the Cultural History of the senses. In: HOWES, D. (ed.). *Empire of the senses: the sensual culture reader*. New York: Routledge, 2005, p. 128-139.
- CORMACK, S. The tombs of Pompeii. In: DOBBINS, J. J.; FOSS, P. W. (ed.). *The World of Pompeii*. New York: Routledge, 2007, p. 585-606.
- CORMIER, A. *Lectvs ebvrnevs: les lits funéraires en inoie à Cumes et dans le monde romain*. Naples: Centre Jean Bérard, 2022.
- D'AMBROSIO, A.; DE CARO, S. Un impegno per Pompei: fotopiano e documentazione della Necropoli di Porta Nocera. Milano: Touring Club Italiano, 1983.
- DESCOLA, P. *Par-delà nature et culture*. Paris: Gallimard, 2005.
- DOBBINS, J. J.; FOSS, P. W. (ed.). *The world of Pompeii*. New York: Routledge, 2007.
- ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latina: histoires des mots*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1932.
- FEBVRE, L. La sensibilité et l'histoire: comment reconstituer la vie affective d'autrefois? *Annales d'Histoire Sociale*, t. 3, n. 1/2, p. 5-20, 1941.
- GAFFIOT, F. *Dictionnaire latin français*. Paris: Hachette, 1934.
- GELL, A. *Arte e agência: uma teoria antropológica*. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
- GEORGE, M. The lives of slaves. In: DOBBINS, J. J.; FOSS, P. W. (ed.). *The world of Pompeii*. New York: Routledge, 2007, p. 538-549.
- KOCKEL, V. Town and tombs: three-dimensional documentation of archeological sites in the Kingdom of Naples in the late eighteenth and early nineteenth centuries. In: BIGNAMINI, I. (ed.). *Archives & excavations: essays on the history of archeological excavations in Rome and southern Italy from the Renaissance to the nineteenth century*. London: The British School of Rome, 2004, p.143-162.

- LATOUR, B. *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. Salvador: EDUFBA, 2012.
- LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2013.
- OLIVEIRA, Y. A. *Sob os olhos de Fébruo: o cotidiano da morte na Roma Mediterrânea (II a.C. e II d.C.)*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2022.
- PESANDO, F.; GUIDOBALDI, M. P. *Pompei Oplintis Ercolano Stabiae*. Bari: Laterza, 2006.
- ROSENWEIN, B. H. *História das emoções: problemas e métodos*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.
- SARAIVA, F. R. S. *Dicionário latino português*. Belo Horizonte: Garnier, 2019.
- TOYNBEE, J. M. C. *Death and burial in the Roman World*. Londres: The Camelot Press, 1971.
- VAN ANDRINGA, W. V.; LEPETZ, S. Pour une archéologie de la mort à l'époque romaine: fouille de la nécropole de Porta Nocera à Pompéi. *Comptes rendus des séances de l'Académie des Inscriptions et Belles-Lettres*, a. 150, n. 2, p. 1131-1161, 2006.
- VAN ANDRINGA, W. *et al. Mourir à Pompéi: fouille d'un quartier funéraire de la nécropole romaine de Porta Nocera (2003-2007)*. Rome: École Française de Rome, 2013.